

JOHN DEWEY E A DEMOCRACIA COMO FORMA DE VIDA: AS ATRIBUIÇÕES DO EDUCADOR NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICOS

Diane Serpa¹
Eunice Gomes da Silva²
Claudio Almir Dalbosco³

Resumo: Este artigo faz uma análise e reflexão sobre a democracia como forma de vida e as atribuições do educador na formação de sujeitos críticos para o exercício das práticas sociais democráticas sob a perspectiva de John Dewey, filósofo e educador estadunidense, que abordou o tema profundamente em suas obras *Democracia e Educação* (1916), e *Experiência e educação* (1938), duas de suas obras mais importantes no campo educacional. No percurso de análise pretende-se, também, retomar alguns conceitos importantes apresentados nas obras mencionadas como: democracia, experiência, educação e práticas pedagógicas relacionando-os com a perspectiva de Dewey de que a democracia é muito mais que sistema político, é uma forma de vida baseada na participação ativa dos cidadãos por meio de suas experiências pela busca do bem comum. O nosso objetivo é compreender como o exercício da prática docente se fortalece enquanto atividade mobilizadora de sentidos para a formação e autoformação do sujeito. E como o educador poderá exercer o seu ofício proporcionando experiências educativas e democráticas. A democracia, na visão de Dewey, demanda a preparação do sujeito para que se torne, no decorrer dos anos, um indivíduo ativo na sociedade visando a busca por justiça e igualdade social. Dewey acreditava que o meio mais propício para chegar a uma educação democrática era a promoção de experiências democráticas, também pela escola, enfatizando assim a ligação entre a educação progressista, educação e democracia. O educador, enquanto formador de cidadãos críticos e capazes de atuar significativamente na sociedade, torna-se peça fundamental nesse processo atuando na transmissão e construção dos valores democráticos em seus alunos.

Palavras-chave: Educação; Democracia; Dewey; Formação de Sujeitos Críticos; Educador.

-
- 1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo (UPF), Mestre em Docência para Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemática pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Atua como Professora de Matemática do SENAC EAD e no Estado do RS.
 - 2 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo (UPF)-RS, Mestre em Letras - Português pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Atua como Secretária Executiva no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia-IFRO.
 - 3 Possui doutorado em Filosofia pela Universität Kassel - Alemanha (2001), pós-doutorado pelo Núcleo Direito e Democracia (NDD) do CEBRAP (2013). Professor titular da Universidade de Passo Fundo, atuando no curso de Filosofia e no PPG em Educação e pesquisador do CNPq.

-- ARTIGO RECEBIDO EM 09/02/2024. ACEITO EM 30/07/2024. --

JOHN DEWEY AND DEMOCRACY AS A WAY OF LIFE: THE EDUCATOR'S ATTRIBUTIONS IN THE FORMATION OF CRITICAL SUBJECTS

Abstract: This article makes an analysis and reflection on democracy as a way of life and the attributions of the educator in the formation of critical subjects for the exercise of democratic social practices from the perspective of John Dewey, American philosopher and educator, who deeply approached the subject in his works *Democracy and Education* (1916), and *Experience and Education* (1938), two of his most important works in the educational field. In the path of analysis, it is also intended to resume some important concepts presented in the mentioned works, such as: democracy, experience, education and pedagogical practices, relating them to Dewey's perspective that democracy is much more than a political system, it is a way of life based on the active participation of citizens through their experiences in the pursuit of the common good. Our objective is to understand how the exercise of teaching practice is strengthened as an activity that mobilizes senses for the formation and self-formation of the subject. And how the educator can carry out his job by providing educational and democratic experiences. Democracy, in Dewey's view, demands the subject's preparation to become, over the years, an active individual in society, aiming at the search for justice and social equality. Dewey believed that the most conducive way to reach a democratic education was the promotion of democratic experiences, also by the school, thus emphasizing the connection between progressive education, education and democracy. The educator, as a trainer of critical citizens capable of acting significantly in society, becomes a fundamental part of this process, acting in the transmission and construction of democratic values in their students.

Keywords: education; democracy; Dewey; formation of critical subjects; educator.

1 INTRODUÇÃO

A democracia é, muitas vezes, entendida como um sistema especificamente político originado na evolução dos sistemas de governo e aplicada singularmente na escolha de representantes do povo para regência da nação. Neste sentido, Dalbosco, Nitzel & Schewemgber (2017), destaca que:

Embora não seja exclusiva e nem repouse aí seu principal valor, a democracia como forma representativa de governo é uma herança importante da república moderna e que, em comparação com a monarquia, por exemplo, abre espaço livre para a forma participativa dos cidadãos em sociedade (Dalbosco, Nitzel & Schewemgber, 2017, p. 16).

Mesmo o modelo democrático não sendo singularmente observado apenas em sistemas governamentais, a democracia presente na vida do cidadão por meio de sua voz e representatividade também é observada e discutida amplamente.

John Dewey, filósofo e pedagogo estadunidense, foi um dos principais defensores da educação progressista e da ligação entre educação, democracia e experiência. Ele defendia que o espaço escolar deveria proporcionar aos alunos as vivências e práticas referentes a um espaço democrático. Muito mais que um sistema de governo, entendia a democracia como forma de vida que requer o preparo do sujeito para atuar significativamente na sociedade, ou grupo social, a fim de construir

uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. Assim, a democracia é “mais que uma forma de governo; é, primordialmente, uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada” (Dewey, 1959, p. 93). Com esta afirmação lapidar de *Democracia e Educação* abrem-se as portas para a importante noção de democracia participativa enquanto base de sustentação para uma sociedade organizada horizontalmente e, portanto, não de maneira autoritária.

Para Dewey, a democracia é uma associação de experiências e formas de comunicação e cooperação entre os membros da sociedade: “uma sociedade é democrática na proporção em que prepara todos os seus membros para com igualdade aquinhoarem de seus benefícios e em que assegura o maleável reajustamento de suas instituições por meio da interação das diversas formas da vida associada” (1959, p. 106). Dois aspectos importantes de uma noção de democracia estão contidos nesta passagem e que gostaríamos de destacar: uma distribuição igual da riqueza produzida socialmente cuja preparação depende da própria sociedade e a interação entre as diferentes formas de vida como fator importante para o fortalecimento institucional. Nestes dois aspectos predomina a noção de democracia participativa como uma tarefa a ser construída educacionalmente e isso dá a ideia de educação democrática como preparação formativa.

A participação do sujeito, em uma sociedade democrática, requer uma postura ativa na tomada de decisões, bem como, a capacidade de mediar conflitos alternando a escuta passiva a ativa. Pensando nessa esfera, observamos que a escola e o educador desempenham um papel fundamental na formação desse cidadão dando base para que ele seja crítico e ao mesmo tempo um difusor de valores democráticos visando o bem comum.

Levando em consideração o dinamismo do mundo, Dewey já observava que a sociedade está em constante processo de mutação, tendo a educação um papel formador de alcance eminentemente social. Pois, é esta formação social que é capaz de “assegurar a direção e o desenvolvimento dos imaturos, por meio de sua participação na comunidade a que pertencem” (Dewey, 1979, p. 87). Por isso, Dewey atribui à educação o papel crítico de não somente ajustar o sujeito ao mundo, mas de torná-lo agente transformador de si e do mundo. Para nos expressarmos em linguagem adorniana (Adorno, 1971), a educação não é somente adaptação, mas, sobretudo, precisa ser resistência, ou seja, ela possui o papel de formar sujeitos críticos capazes de se levantarem contra qualquer forma de assujeitamento humano e social.

Considerando isso, nosso objetivo é, seguindo de perto o texto de Dewey, refletir sobre o papel do educador no processo democrático de ensino e compreender como o exercício da prática docente se fortalece enquanto atividade mobilizadora de sentidos para a formação e autoformação do sujeito. Também, considerar como o educador poderá exercer o seu ofício proporcionando experiências educativas e democráticas. Traduzimos este objetivo na seguinte pergunta investigativa: em que sentido a noção de experiência formativa justificada por Dewey em seu texto *Experiência e educação* auxilia para pensar o papel do professor como educador

crítico? Do ponto de vista metodológico, procuramos assegurar o duplo princípio hermenêutico (Flickinger, 2010; Dalbosco, 2021) à nossa interpretação do texto de John Dewey: entregar-se ao texto para poder compreendê-lo a partir de sua trama argumentativa interna e; verter tal compreensão ao tema e aos objetivos que movimentam nosso ensaio.

Dividimos o ensaio em quatro passos interligados entre si: no primeiro, tomamos brevemente a democracia como base da justiça social; no segundo passo, tratamos do papel do educador como educador crítico, para nos concentrarmos, no terceiro passo, na noção complexa de experiência formativa em Dewey. Por fim, no quarto e último passo, concluímos resumindo os principais resultados da investigação.

2 A DEMOCRACIA COMO BASE PARA UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

Pensar a democracia como forma de governo nos remete ao fato que necessitamos dela como meio de fomentar e manter as bases de uma sociedade livre, diversa, com suas singularidades e pluralidades, garantindo assim, assegurar os direitos tanto individuais como coletivos de seus membros.

Para Dewey, a educação democrática fundamenta-se na igualdade de oportunidades para seus membros, e isso constitui-se como base fundamental. Esse conceito de igualdade é visto por Dewey, também, na esfera da educação, pois uma educação baseada em privilégios e que não prima pela equidade, é uma educação não democrática. Para Dewey (1959, p. 108): o “[...] objetivo da educação é habilitar os indivíduos a continuar sua educação”; é “[...] propiciar a capacidade para um constante desenvolvimento” dos aprendizes, mas essa ideia “[...] só se pode aplicar a todos os membros de uma sociedade” quando se tratar de uma “[...] sociedade democrática”. O autor pressupõe aqui que a educação não se limita somente ao tempo escolar, mas que precisa se alastrar ao longo da vida, constituindo-se em modo de ser dos próprios sujeitos.

A democracia perpassa, pelo olhar de John Dewey, a ideia da organização política estruturada para dar voz a todos os integrantes da sociedade. Neste sentido, ela se apresenta como base fundamental para a formação de uma sociedade que busca a igualdade entre seus membros de forma justa e cooperativa. Para Dewey, “uma democracia genuína é caracterizada pela maior participação possível dos indivíduos na experiência do grupo e pela maior interação possível entre os vários grupos” (Dewey, 1959, p. 19). A ideia de maior interação possível nos remete a noção de colaboradores ativos que diz muito sobre a democracia como forma de vida, pois exige a participação solidária de todos, contrapondo-se ao individualismo egoísta.

Na concepção de Dewey, a participação ativa é o propósito central de uma sociedade democrática, levando em consideração a opinião de todos os seus membros de forma que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas, buscando um bem comum, na ânsia de conciliar os direitos e interesses de todos os seus membros.

Daí, neste contexto, a importância da formação de espaços públicos democráticos nos quais os sujeitos possam exercitar, livremente por meio da conversação, suas próprias ideias e se responsabilizar por elas.

Muito mais que um sistema político, a democracia reside em um modelo de organização e cooperação que medeia as interações entre os sujeitos, intervindo diretamente no funcionamento e entendimento dessas relações e posicionamentos, agindo na tomada de decisões para o bem comum e na mediação de conflitos, deixando claro a importância da liberdade e do respeito à liberdade do outro. Como afirma John Dewey, “[...] a significação de democracia deve ser continuamente reexplorada, deve ser continuamente descoberta, refeita e reorganizada [...]” (Dewey, 1952, p. 47, tradução nossa). Diante disso, torna-se necessário pensar sempre sobre a democracia, sobre suas profundas modificações ao longo dos anos, analisando as razões da progressiva perda de sua força de colaboração e organização social, limitando-se, cada vez mais, ao sistema de governo. Ou, a situação torna-se ainda mais grave, quando a democracia recebe ataques políticos e governamentais que põem em risco sua própria existência, como bem atestam Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018).

A ideia central da democracia como forma de vida repousa na formação para a participação dialógica, dando ouvidos e visibilidade aos mais diversos grupos sociais, entendendo que uma democracia justa e honesta considera as mais diversas opiniões. Isso está na base da concepção de Dewey e do vínculo recíproco por ele postulado entre democracia e educação. Sem uma, não pode haver a outra, formando-se aí um círculo virtuoso que conduz ao “melhoramento” humano e social.

Este círculo virtuoso abre imensas possibilidades político-sociais. Por exemplo, a participação ativa do cidadão permite a possibilidade da construção de políticas públicas mais justas e igualitárias, levando em consideração os anseios e necessidades da sociedade, tornando a gestão pública democrática, participativa e muito mais que isso, efetiva e dinâmica para todos que dela participam. Dewey aponta a importância da comunicação entre os cidadãos a fim de recriar coletivamente hábitos e valores objetivando fortalecer o grupo enquanto sociedade, criando um público soberano, dotado de informações e apto para definir e agir nas mais diversas frentes em que seja necessário.

Dewey enfatiza a importância da troca entre os cidadãos, a promoção do diálogo entre seus membros, ele reitera que a capacidade de diálogo dá ao sujeito um ferramental diverso como a liberdade de expressão promovendo assim, a liberdade de discussão. Por meio dela, os sujeitos podem justificar e revisar seus próprios argumentos, formando-se criticamente no espaço público democrático. Mesmo ocorrendo inúmeros obstáculos quanto à efetivação da participação democrática dos cidadãos, é a existência do espaço público e sua educação cultural permanente que proporciona as condições intelectuais e políticas para o enfrentamento de tais obstáculos. Neste sentido, somos exigidos, na atualidade, ainda mais do que na época de Dewey, a compreender a dinâmica de constituição e profunda

transformação da esfera pública, sobretudo, depois do surgimento da cultura digital e do uso frequente de dispositivos digitais proporcionados pela Internet.⁴

Estas breves considerações sobre a democracia como forma de vida sustentam a noção de educador como formador crítico.

3 O EDUCADOR COMO FORMADOR DO CIDADÃO CRÍTICO

Desde a infância, os seres humanos são expostos a diversos tipos de sociedade, iniciando pela sociedade familiar que imprime neles os primeiros valores de convivência e atuação social juntamente com noções de afeto, amor, colaboração e afirmação de valores familiares. Tais valores são importantes para a convivência dessa criança nos mais diversos meios ao qual será integrada. Considerando a importância da educação infantil que Dewey dedicou parte significativa de sua produção intelectual e de sua própria experiência pedagógica para tratar da criança e da infância.

No decorrer da vida, a criança tem o primeiro contato com a escola, um tipo de sociedade diversa da família, mas que necessita que os valores já adquiridos sejam colocados em prática e ressignificados ao longo de sua formação. John Dewey afirma que:

A educação é o processo da renovação das significações da experiência, por meio da transmissão, acidental em parte, no contacto ou no trato ordinário entre os adultos e os mais jovens, e em parte intencionalmente instituída para operar a continuidade social (Dewey, 1959, p. 354).

A escola, teoricamente, a segunda sociedade na qual o sujeito tem uma convivência em grupo, torna-se o meio mais importante para capacitar e mediar essa formação, aliando o poder da cooperação com a criticidade necessária para entender suas necessidades individuais e a importância de lutar por elas.

Para Dewey, a escola deve ser muito mais que uma transmissora de conteúdos formais, conteúdos esses carregados de conhecimentos e valores tão importantes para uma vida social, mas que trabalhados sem inspiração, paixão e sem sentido, torna-se apenas a efetivação do currículo escolar. A efetivação do ensino e aprendizagem em uma educação democrática passa diretamente pela mediação do professor que tem a missão de promover discussões, interações entre seus alunos, incentivando uma relação democrática na sala de aula.

O professor, muitas vezes, ocupa o lugar que transmite segurança nesse novo modelo de sociedade ao qual a criança passa a ser exposta, transforma-se na referência de seus alunos, onde seu comportamento e atitude servem como base para o entendimento da criança de um modelo de cidadão.

4 Sobre este tema, ver o interessante livro publicado recentemente pelo pensador alemão Jürgen Habermas (2022).

Ao longo da formação da criança com a observação dos valores democráticos sendo colocados em prática pelo professor, a criança tende a ressignificar tais valores. Com isso, passa a entender o meio em que faz parte, tornando-se capaz de compreender a importância de atitudes como: tolerância, empatia e inclusão. Esta educação ético-democrática, orientada pelo professor, permite ao aluno formar um sentimento amigável que o possibilita entender-se como ser único e singular, capaz de dialogar sobre seus anseios e opiniões, expressando pontos de vista, convicções e crenças.

A escola como ambiente formador de jovens para atuação ativa na sociedade incumbe-se da tarefa de dar base a esses alunos, e seu professor, como agente mediador entre essas duas esferas, tende a promover um ambiente livre de estigmas. Como elaborador intelectual das experiências pedagógico-formativas, ele incentiva seu aluno a opinar criticamente sobre os mais diversos assuntos, tornando-o capaz de escutar e discutir. Neste sentido, a escola democrática pressupõe relação dialógico-participativa entre professor e aluno, orientada pelo bom preparo pedagógico e intelectual do professor.

No contexto da escola democrática, o professor precisa fazer uso de muitas vertentes culturais e intelectuais para que seus alunos tenham formação democrática plural. A democracia social que sustenta este pluralismo cultural do professor Dewey coloca na base de seu próprio liberalismo político (Dewey, 2019; Dalbosco, 2021). Neste sentido, são os traços marcantes de sua filosofia política que sustentam o vínculo recíproco entre democracia e educação visando preparar as novas gerações para a convivência crítica e respeitosa entre posições divergentes.

Isso abre a possibilidade, no contexto especificamente educacional, para que diversas práticas pedagógicas possam ser experienciadas visando inserir e concretizar a ideia de democracia como forma de vida nas escolas e também expandi-las atingindo as comunidades às quais esses alunos pertencem. Neste sentido, o pluralismo democrático pressupõe a existência da própria pluralidade de formas de vida. Quando o aluno consegue experienciar isso concretamente na escola, ele forma o senso de respeito por outras formas culturais de vida, que não são iguais a sua.

Incluir nas vivências dos alunos temas debatidos na sociedade como um todo, será uma ótima maneira de fazê-los refletir e opinar sobre questões, que muitas vezes, esses discentes se sentem alienados. Por isso, esclarecer e incluir esses alunos, fazendo-os entender que as decisões tomadas no hoje farão uma diferença significativa no futuro da sociedade, promoverá um cidadão crítico, inclinado a observar, discutir e participar ativamente das decisões em prol do bem comum.

A escola é um espaço social propício para que experiências culturais plurais possam ser desenvolvidas. Ela é ponto de partida para a mudança significativa do olhar em relação ao lugar do aluno na sociedade, pois por meio do trabalho em grupo estimula a cooperação, a discussão e a tomada coletiva de decisões. Dewey não se cansou em assinalar, em várias passagens de sua obra, especialmente em *Democracia e Educação*, a escola como laboratório de formação de experiências democráticas,

que preparam as novas gerações para o exercício democrático na esfera pública. Assim, torna-se decisivo estimular a promoção e participação ativa dos alunos nas decisões referente à gestão escolar e a projetos e políticas implementadas dentro do ambiente escolar, promovendo a identificação do aluno como pertencente àquele meio.

A importância de uma educação que ponha em prática os valores democráticos, se mostra cada vez mais evidente na sociedade atual. Diante disso precisamos ter um olhar mais atento sobre os desafios e superações nos quais esses educadores são expostos ao aderir um modelo de educação que vise a promoção da formação do cidadão crítico e ativo na sociedade. O educador tem papel fundamental nessa ligação entre a educação, a instituição escolar e a busca pela promoção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesta perspectiva, é importante ressaltar que esses educadores enfrentam inúmeras dificuldades no cumprimento do seu papel, entre elas podemos ressaltar as dificuldades materiais que versam sobre a precariedade de recursos financeiros destinados à educação pública. Notavelmente, a precariedade de recursos gera um déficit na aprendizagem, mas arriscamos dizer que seu maior desafio seja contrapor-se a resistência às mudanças por parte de inúmeros setores da sociedade e a polarização política que tem se demonstrado como um cabo de guerra moral entre extremos.

Contudo, é de suma importância que os educadores continuem sua luta constante contra a fragmentação e segregação social, encontrando formas criativas para promover, em suas aulas, práticas que visem aprimorar o poder de discussão. São aulas criativas que também propiciam as referências intelectuais indispensáveis para formar um futuro cidadão ativo na sociedade, que tenha em mente seus valores bem definidos na busca por uma sociedade plural e justa. Como parte destas referências também está a experiência prática em sala de aula, constituída pelo contato direto de professores e alunos com as coisas, desmistificando a ideia de uma educação meramente verbal, baseada em conceitos abstratos. Por isso, democracia como forma de vida é, no contexto educacional escolar, experiências formativas concretas que implicam também no aprendizado com o trato manual com os objetos e coisas. Neste sentido, o professor se torna quase como um artífice que faz educação manuseando experiências para torná-las formativas.

4 DESAFIO DA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA: A RELAÇÃO ENTRE EXPERIÊNCIA E APRENDIZAGEM

A educação, em definição mais ampla, é múltipla, formada por um conjunto de influências sociais, políticas e culturais que exercem sua força sobre o sujeito, em várias direções e espaços socioculturais. Justamente aí repousa a importância de uma educação escolar que possa colocar em prática os valores democráticos, a qual se mostra cada vez mais evidente na sociedade atual. Diante disso, precisamos ter um olhar mais atento sobre os desafios que os professores e educadores terão, ao aderir à ideia de educação que vise à formação de um sujeito crítico e ativo na sociedade.

No cenário de educação escolar atual, ainda nos deparamos com um método de ensino que muitas vezes, não apresenta sentido para os estudantes, uma vez que, os mesmos não conseguem se inserir no contexto histórico/cultural apresentado de forma engessada pelo tradicionalismo ou se apresenta de forma muito aberta em que o docente não consegue direcionar ou encaminhar o desenvolvimento da aprendizagem do educando.

Para que haja maior envolvimento e desejo pela aprendizagem é importante que se estabeleça relações de sentido com aquilo que está sendo proposto ao aluno e também ao professor. É essencial que o conhecimento a ser desenvolvido possibilite aos alunos mais conexão entre o estudo e suas relações sociais, vivências e experiências anteriores e que possam dar suporte a aprendizagem de outras experiências de forma democrática.

Para embasar a nossa reflexão sobre as atribuições do educador/professor no processo de educação democrática buscamos compreender, neste passo de nosso ensaio, alguns conceitos fundamentais apresentados por Dewey, na obra *Experiência e educação*. Tais traços podem nos dar uma direção para que o exercício da prática docente aconteça de forma democrática e participativa, distanciando-se criticamente de uma postura antidialógica e, portanto, autoritária. Como cultivar uma postura dialógico-participativa foi historicamente uma grande questão educativa, tornando-se mais relevante ainda nos dias atuais. Por isso, os ideais educacionais de Dewey precisam ser revisitados.

A ideia principal do pensamento de John Dewey sobre a educação está centrada no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e no espírito crítico do aluno. Para Dewey (1979), o pensamento não existe isolado da ação. A educação deve servir para resolver situações da vida e a ação educativa tem como elemento fundamental o aperfeiçoamento das relações sociais.

Com base nos conceitos de educação por experiência em Dewey (1979), o nosso objetivo é compreender como o exercício da prática docente se fortalece enquanto atividade mobilizadora de sentidos para a formação e autoformação do sujeito. E como o educador poderá exercer o seu ofício proporcionando experiências educativas e democráticas.

Enquanto sujeito participante deste processo que envolve o ato de educar, pode-se compreender que a relação de ensino e aprendizagem entre professor e aluno e ainda entre seus pares, passa por uma relação íntima com as experiências, vivências e partilha desses conhecimentos como uma atividade mobilizadora que é necessária para desenvolver as capacidades do ato de aprender como uma ação contínua de aprendizagem. Não se pode falar em um sujeito que só ensina. A relação de ensino está entrelaçada à predisposição que o sujeito tem para aprender. O docente, enquanto sujeito que ensina, está em constante formação e aprendizado. Por isso, o sentido democrático de educação defendido por Dewey rompe com a dicotomia entre ensinar e aprender, uma vez que acentua a reciprocidade na relação: quem ensina também aprende e vice-versa e esse processo configura claramente as experiências, trocas e interações tão fundamentais nas práticas educativas.

De acordo com Dewey (1979, p. 14) “a crença de que toda educação genuína se consuma através da experiência não quer dizer que todas as experiências são genuínas e igualmente educativas”. Assim, “experiência e educação não são termos que se equivalem”. Neste sentido, o autor menciona que no decorrer da vida do sujeito, o mesmo passa por muitas experiências, porém nem todas podem ser consideradas experiências educativas. Por isso, escolher experiências que tenham um sentido formativo é indispensável e isso é missão da gestão e docência escolares.

No contexto de escola tradicional, os alunos passaram por diversas experiências de ensino em que desenvolveram habilidades de práticas de exercícios automáticos e repetitivos, porém sem desenvolver a capacidade criativa para que haja interação com novas experiências. Ao oferecer tais experiências de ensino e aprendizagem, a escola tradicional distancia-se da educação democrática e, por isso, precisa ser objeto de crítica, como o fez Dewey.

Dewey (1979, p. 16), traz um conceito de experiência educativa como aquela que gera conexão com outras experiências, que “abrem novas possibilidades de experiências futuras mais ricas, despertam o ímpeto de aprender, que criam capacidades de julgar e agir inteligentemente em situações novas”. É importante também ressaltar que essas experiências precisam fazer conexão com situações de vida fora da escola.

De acordo com Dewey (1979, p. 16), “os jovens da escola tradicional têm e passam por experiências, o problema não é a falta de experiências, mas o caráter dessas experiências”. Desta forma, Dewey coloca em pauta a qualidade da experiência por que se passa. A experiência tem dois aspectos: “o imediato, que neste caso pode ser agradável ou desagradável, este é fácil de avaliar” e que o professor já pode perceber seus resultados diante de uma proposição dada; o outro é o “mediato que será avaliado diante de sua influência sobre experiências posteriores” (Dewey, 1979, p. 14, 15). A própria experiência democrática depende da conexão entre estes dois aspectos, uma vez que eles articulam o momento presente com o momento futuro da ação.

Conforme Dewey (1979, p. 16), a tarefa do educador “é a de dispor as coisas para que as experiências, conquanto não repugnem ao estudante e antes mobilizem seus esforços”, não sejam apenas imediatamente agradáveis, “mas o enriqueçam e, sobretudo, o armem para novas experiências”. Embora não seja uma tarefa fácil, ela permite superar o imediatismo apressado e dispersivo da experiência, mostrando que é sua vagarosidade sustentada pela atenção concentrada que permite a realização de uma experiência qualitativa.

Este sentido mediato da experiência entrelaça-se como o princípio da continuidade, ou seja, com o “*continuum* experiencial” (Dewey, 1979, p. 17). Compreende-se que o professor tem atribuições muito importantes para que este princípio possa ser colocado em prática na sala de aula, pois dependerá dele a ação de dispor de condições que atendam a este princípio, que “envolvem atitudes e ações tanto emocionais, quanto intelectuais”. Em síntese, é o princípio de continuidade que assegura o jogo tensional tripartite entre passado, presente e futuro, permitindo

que a experiência de mundo dos educadores e educandos se construa ricamente a partir de tal jogo tensional.

Nas palavras do autor “cada experiência é uma força em marcha” (Dewey, 1979, p. 29). Neste sentido, o valor das experiências não pode ser julgado, se não na base para que e para onde se move tal marcha. Quando compreendemos esta continuidade das experiências educativas, o papel do professor torna-se fundamental no sentido de mediador do processo de educação por experiência. De acordo com esta teoria, a maior maturidade de experiência do adulto, como educador, o coloca em posição de avaliar e orientar a ação dos educandos. Podemos dizer que sua tarefa consiste em mediar a experiência dos alunos, conduzindo-os para a construção de seu processo formativo.

Desta forma, a tarefa do professor é perceber e orientar em qual direção “marcha” a experiência do aluno. Esta experiência amadurecida do adulto (professor) não teria sentido se o mesmo abster ou recusar-se a ajudar a organizar as experiências do aprendiz. Isso mostra que a formação por meio da experiência requer partilha de conhecimento, empatia e cuidado. Mostra, também, que a educação democrática está muito longe de se resumir apenas à transmissão de conteúdo, uma vez que exige cultivo próprio tanto do professor como do aluno. Isso explica o interesse destacado de Dewey pelo diálogo com autores da tradição pedagógica clássica, entre eles, Jean-Jacques Rousseau.

De acordo com Dewey, o professor que não se posiciona no sentido de auxiliar o movimento de continuidade e direcionamento das experiências do aluno não compreendeu o sentido de experiência e “é desleal e infiel ao processo educativo” que em termos morais “a pessoa amadurecida não tem o direito de recusar ao jovem a capacidade de simpatia e compreensão em termos educativos para aquele que se encontra em posição de educador” (Dewey, 1979, p. 30).

Entretanto, é importante analisar como se dá esta relação de experiência sem que ela se processe como imposição de um controle externo. Para Dewey (1979, p. 30), “Toda experiência humana é, em última análise, social, isto é, envolve contato e comunicação”. Neste sentido, o professor precisa desenvolver um olhar atento para quais atitudes são condizentes com o crescimento contínuo enquanto experiências e quais seriam prejudiciais. Isso implica em desenvolver a capacidade de empatia e compreensão do processo educativo dos que estão aprendendo.

Na relação com a aprendizagem por experiência, há uma grande importância de se considerar o conhecimento compartilhado entre gerações. Segundo Dewey (1979, p. 9): A educação na experiência pessoal, “pode significar contatos mais numerosos e mais íntimos entre o imaturo e a pessoa amadurecida do que jamais houve na escola tradicional e, assim conseqüentemente mais direção e orientação por outrem”. Porém, é importante que se tenha o cuidado de não violar o princípio da liberdade de aprendizagem a partir da própria experiência do educando. “O problema, pois, é: como tais contatos podem ser estabelecidos sem violação do princípio da aprendizagem por meio da experiência pessoal” (Dewey, 1979, p. 9).

O outro princípio apresentado por Dewey (1979, p. 34) é o da interação que é “importante para interpretar uma experiência em sua função e sua força educativa”. O princípio da interação atribui direitos iguais a ambos os fatores da experiência: condições objetivas ou externas e condições internas. Segundo o autor, qualquer experiência normal é um jogo entre os dois grupos de condições que tomadas em conjunto constitui uma situação.

Neste processo educativo pautado na experiência, seu “mundo se amplia ou se contrai, tudo depende da qualidade desta experiência” (Dewey, 1979, p. 37). Quando possibilitamos a construção de experiências positivas o mundo se expande e o que se aprendeu em uma determinada situação de interação com o meio, com o outro torna-se instrumento para compreender e desenvolver outras experiências futuras. O processo de aprendizagem por experiência não se esgota, ele dura toda a vida pois o processo se constitui, também do fator individual enquanto elemento integrante da experiência.

Ao princípio da continuidade importa também que o futuro seja considerado em cada fase do processo, mas no sentido de contribuir para experiências posteriores mais amplas e profundas e não como forma de preparação para o futuro sacrificando o presente com conhecimentos que prepara apenas para o futuro, como a escola tradicional fazia. É neste sentido, que presente e futuro precisam se entrelaçar permanentemente, dialogando com experiências passadas.

Os educadores atuando diretamente com seus alunos, têm a possibilidade de oferecer meios para o desenvolvimento do ensino e que este pode ser um ponto de partida para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais reflexiva e crítica da realidade, possibilitado contemplar aspectos como: inclusão, identidade, pertencimento, contribuições e valorização das pessoas, das diferenças, dos grupos e das culturas que estão presentes nas salas de aula e na sociedade, contribuindo para a formação de um cidadão crítico. Neste sentido, as atribuições do educador “como membro mais amadurecido do grupo” são de suma importância para a formação de sujeitos críticos e participativos em uma sociedade.

Dentre as atribuições do educador pode-se inferir que é inerente à profissão de docência: a confiança, a credibilidade no processo de formação e a mobilização do sujeito para o desenvolvimento intelectual. O educador pode promover espaços criativos de experiências, para isto, precisa estar em constante aprendizagem, precisa também ser mobilizado, possuir em si o desejo de aprender, estar disposto a construir um aprendizado permanente da relação com as experiências anteriores e os processos de mudanças sociais e culturais para que possa sentir-se habilitado a proporcionar aos discentes condições de produção e de conhecimento pautados nesta relação mobilizadora do ato de aprender por experiências.

Nesta perspectiva, precisamos de uma escola e de educadores que possa oferecer meios de ensino e aprendizagem respeitando as diferenças culturais e promovendo um espaço para as discussões das várias formas de aprender, valorizando os conhecimentos de cada aluno e isso só será possível se a escola tiver pautada em um currículo com propostas pedagógicas adequadas às necessidades dos sujeitos.

Portanto, o trabalho de ensinar dos educadores deve-se somar aos aprendizados proporcionados pela vida em comunidade, com o propósito de construir conhecimentos, transformando educador e educando em aliados abrindo caminhos para um aprendizado que faça sentido, o que implica em reconhecer o outro como sujeito capaz de produzir e transferir conhecimentos tornando o processo de aprendizagem mais democrático.

5 CONCLUSÃO

Neste artigo, visamos explorar profundamente a visão de Dewey sobre a educação democrática e a educação baseada em experiências, juntamente com seus princípios fundamentais. Dewey defende que o propósito da educação perpassa a ideia de simplesmente ser um transmissor de conhecimentos, ela deve atuar fortemente para o poder de argumentação, o desenvolvimento do pensamento crítico, da ação responsável e crescimento individual e social. Por meio da análise de suas ideias, foi possível compreender como sua filosofia educacional é importante e inspiradora, especialmente em um contexto onde a educação enfrenta muitas mudanças e desafios significativos.

Dewey, enfatiza, como um dos principais pontos, a necessidade de fazer ligações concretas e significativas com a educação e a experiência pessoal dos alunos. Ele argumenta que a aprendizagem não pode ser desconexa ou desvinculada de seus processos diários. Desta forma, Dewey defende que uma aprendizagem baseada em experiências dos alunos, muitas delas obtidas fora do espaço escolar, dão força motriz para o aprendizado. Essa abordagem, não torna somente o aprendizado mais relevante, mas também prepara os estudantes para enfrentar desafios reais, fazendo assim, com que atuem na sua sociedade de forma crítica e ativamente.

Dewey, também destaca a importância da continuidade dos processos educativos. Ele defende que o aprendizado é um processo contínuo e por isso deve perpassar as barreiras da escola e fazer parte da vida dos alunos nos seus mais variados âmbitos. Diante disso, é importante destacar a relevância do papel do educador na mediação e direcionamento dessas experiências de aprendizado, orientando os alunos para a construção dos seus próprios processos formativos. Observar a importância do professor é dar significado aos direcionamentos, trocas e interações educativas, estabelecendo uma reciprocidade na relação aluno-professor, onde os professores estão, da mesma forma, em constante aprendizado.

A visão de Dewey, destaca pontos importantes para o papel dos educadores. Ele defende a importância do direcionamento e da atuação como mediadores entre alunos e experiências de aprendizado, orientando-os na direção de um crescimento contínuo, desenvolvendo sua missão com empatia, compreensão e um compromisso constante com a educação.

Em um mundo dinâmico, onde percebe-se constantes mudanças, a filosofia de Dewey permanece como peça chave no entendimento dos processos educativos. Elas nos mostram que a educação não se baseia somente em um processo de

transmissão de informações, mas sim, em um mundo repleto de descobertas, uma jornada contínua de aprendizado. Os educadores desempenham papel fundamental nessa quebra de barreiras e de paradigmas relacionados à educação. É de suma importância que eles façam a conexão entre as muitas experiências desses alunos, promovendo a continuidade do seu aprendizado e valorizando a interação entre os mais diferentes meios em que esse estudante pertence.

Portanto, ao passo que nos colocamos na posição de enfrentarmos os mais variados desafios à educação no século XXI, conseguimos entender e dar a devida importância aos conhecimentos fornecidos pela teoria de John Dewey. Suas lições sobre a importância da educação democrática, educação baseada em experiências e demais conceitos seguem servindo como base orientadora para educadores do mundo todo. A filosofia de John Dewey nos lembra que em sua essência a educação é muito mais que preparar para o futuro, ela é meio de enriquecer o presente e construir um mundo mais justo e igualitário para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Erziehung zur Mündigkeit. Frankfurt am Main:** Suhrkamp, 1971.
- CUNHA, M.V.; MERCAU, H. H. **John Dewey: educação, democracia e coesão social.** Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/44319/45607>. Acesso em: 26 jul. 2023.
- DALBOSCO, C. A. **Educação e condição humana na sociedade atual.** Formação humana, formas de reconhecimento e intersubjetividade de grupo. Curitiba: **Appris**, 2021.
- DALBOSCO, C. A.; NITZEL, O.; SCHEWEMGBER, I. **O Público E O Democrático Na Educação Deweyneana: Uma Reconstrução Com Base Em Jürgen Oelkers.** Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3033/303371539020/html/>. Acesso em: 26 jul. 2023.
- DEWEY, J. **El hombre y sus problemas.** Buenos Aires: Editorial Paidós, 1952.
- DEWEY, J. **Democracia e Educação.** Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, 3. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional (1959).
- DEWEY, J. **Experiência e educação.** Tradução de Anísio Teixeira. 3. edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1979.
- DEWEY, J. **Sozialphilosophie.** Vorlesung in China 1919/1920. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2019.
- FLICKINGER, H.-G. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica.** Campinas (SP): Autores Associados, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

HABERMAS, J. **Ein neuer Strukturwandel der Öffentlichkeit und die deliberative Politik.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2022.

LEVITSKY, S. & ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

ROCHA, E. P. da. **John Dewey: Democracia e Educação.** Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/revistaargumento/article/view/634>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SCHMIDT, I. A. **John Dewey e a Educação para uma Sociedade Democrática.** Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1016/772>. Acesso em: 26 jul. 2023.